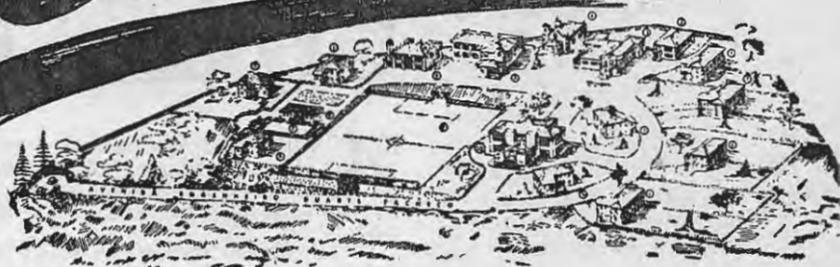




# O Gaiato



## OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.º

Casa do Gaiato do Pôrto  
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor  
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares  
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Ouvintes da Emissora, comodamente instalados a esta hora à roda dos vossos aparelhos,—como não gostaria ou também de escutar, por essa forma e nêsse aconchego, qualquer coisa grandiosa trespassada de humanidade, que falasse tão alto e tão fundo, como fala hoje à alma, a saúde dos vossos mortos. Sim; escutar algo de construtivo, de real, proferido em palavras que fizessem sangue, por trazerem o sangue dos fracos, dos empobrecidos, dos estropiados, daqueles que outrora procuravam Jesus e a quem Jesus procurava;—gostaria de ouvir.

Mas eu não posso escutar a mim mesmo, tão pouco tenho aparelho para escutar os outros; nem cuido que haja alguém que venha ao micro, trazer notícias e pedir remédio, para um mal que passou à classe de incurável, por preguiça de reagir.

E contudo, é necessário que se diga; é preciso que se denuncie. Entre o «tarde» e o «nunca», vamos esco-

### PALESTRA AO MICROFONE

Amo demais, para consentir que outros se fartem de gozar à custa dos famintos. Não dou festas de caridade. Não aceito que as deem em meu nome.

É principalmente para me ajudarem nas despesas astronómicas da construção da *Aldeia dos Rapazes*, que eu lanço hoje pregão. A obra é conhecida. Centenas de visitantes de todos os pontos do nosso país, teem observado o progresso dos edificios em curso. E' uma coisa nova na maneira de construir; aboliu-se o clássico casarão. Aparecem casas apetitosas, sobrias, elegantes. E' uma nova concepção de educar; aboliu-se o velho sistema.

Eles respiram alegria por todos os poros; uma alegria convicta, sã, comunicativa. Ha dias, um grupo dêles estava mostrando aos visitantes as suas coisitas íntimas, presentes que recebem por acções nobres que praticam. E' o seu tesouro. Tiravam de dentro de pequeninas caixas e extendiam sôbre a mesa, para que vissem e comparticipassem. Sim; alegria comunicativa.

Eles vão ao Porto vender o nosso jornal, *O Gaiato*, e são disputados por famílias da cidade, que os querem ter à sua mesa para almoçar. O Zé Eduardo, um dos vendedores que come

ab angelis, epitafio das catacumbas. Chamado pelos anjos.

Levantá-los na vida, levantá-los na morte. Dignificar a natureza humana, aquela mesmo que Cristo Jesus maravilhosamente reformou.

Eu acredito nas possibilidades espirituais da fauna das ruas, que imbecidamente sofre a fome lenta e o abandono dos responsáveis. Eu desejo levantá-la à altura que lhe compete, dar-lhe o bem a que aspira, e sentá-la à mesa com talher completo, senão igual ao dos teus filhos, nem isso conviria, talher suficiente e adequado à sua categoria social. Para tanto esqueci-me dos meus interesses. Para tanto, perdi a minha vida. Para tanto venho hoje a este mirante, rogar que faças tua esta empresa,—e me ajudes.

As Casas do Gaiato servem este propósito. A de Miranda-do-Corvo, já tem 4 anos de vida. A de Paço-de-Sousa, nasceu o ano passado e tem o mesmo ideal.

Faze te hoje assinante do nosso

## DA RÁDIO RENASCENÇA DO PÔRTO

lher o primeiro advérbio. Venho denunciar aqui o mal da criança da rua e apontar o remédio que já existe na Casa do Gaiato em Paço de Sousa, abrigo limitado, onde muitas dezenas dêsses seres adoráveis, encontraram já a fôrma do seu pé.

Eu poderia organizar as chamadas *festas de caridade*, ou permitir que outros as fizessem para mim. Não faltariam para isso colaboradores de boa vontade, mas não. Elas são uma peste social; são abismos a chamar abismos. A ignorância de quanto sofre a indigência, o desequilíbrio de sentimentos, o excessivo desejo de ostentar, tudo isto tem usurpado o nome bendito de caridade e feito dela caricatura trágica de amor do próximo. Poderia, sim. Não faltava quem aplaudisse. E' muito fácil andar ao sabor dos tempos. Porém, eu tenho tanto respeito pela orfandade, pela viuvez, pela pobreza, pela miséria; tanta dor eu sinto pelo orfão, pela viuva, pelo pobre e sobretudo pelo miserável, que há muito me propuz colaborar nos seus males dando-me ao trabalho de mendigar para êles. E daqui nasce que tenho levantado a voz nos teatros, nos cinemas, nas praias, nos hotéis, nos pulpitos, na imprensa, e hoje aqui; arrastando o tempo, as fadigas, as inconveniências, os fiascos, as críticas. Tudo me tenho feito para êles, a-fim-de que êles sejam meus.

Rasgou-se o véu do templo. Chegou a hora de redimir por amor, sob o sinal da Cruz.

Eles, os garotos da rua, apresentam-se à nossa portaria e passam imediatamente para a mão do roupeiro que os veste, e do chefe de dormitório que lhes indica o leito, e do cosinheiro que aumenta a ração, e do refeiteiro que lhes marca o lugar. De tal forma o recémchegado se vê no meio dos da sua egualha, que muito naturalmente cuida que os orientadores são estranhos à casa. Não se pode fazer melhor.

Assim instalados no que é seu, cada um com obrigação determinada, cresce naturalmente neles o amor ao trabalho e à virtude, a seu tempo. Como poderiam êles encontrar-se ontem, nas ruas, entregues como andavam a si mesmos? E como podem êles hoje perder-se em sua casa, entregues como andam ao trabalho, no calor da lareira e no bafô da mãe??

na Avenida Rodrigues de Freitas, informa, que no final da refeição, brinca no terraço da casa com um Menino da família. Outros, contam de como os Senhores se sentam ao pé deles a observar e a instar que comam mais. E costumam trazer cartões de novas famílias, a convidar para o domingo seguinte. Partiu-se o véu do templo; os velhos ritos acabaram! Redime-se por amor!

Já temos uma luz acêsa no céu. O nosso Manuel Delfim, morreu-nos há dias de morte dolorosa e preciosa.

Foi um holocausto. Durante doze dias de 24 horas, ardeu a vitima no altar. Tinha 9 anos de idade. Viera do entulho do Aljube. O seu funeral foi um hino de reparação à miséria da entulheira humana. Cêrca de 300 homens de Paço-de-Sousa, protestaram contra a vala comum, com a sua presença de piedade e de silencio. Os sinos do mosteiro dobraram. A Igreja estava, na pessoa do pároco. *Ascervitus*

quinzenal *O Gaiato*; é uma forma prática e fácil de auxiliar a obra. Envia para o 54 da rua dos Clérigos aquilo que fôr mais do teu agrado, como dinheiro, roupas, calçado, pois que sendo do teu, também é do nosso. Deposita no Banco Espirito Santo, do Pôrto, de Lisboa ou de Coimbra, onde a Casa do Gaiato tem conta aberta.

Comunica hoje, neste momento e por telefone, a esmola que me vais dar, para eu saber que as minhas palavras caíram em bom terreno. Em homenagem aos mortos, para beneficio dos vivos, marca a tua presença, sem arrependimento.

Palavras não eram ditas, quando se forma uma grande tempestade no telefone e começam a chover 500\$, e mais 100\$, e mais 10\$, e mais 40\$, e mais 5\$, e mais 100\$, e mais 200\$, e mais 50\$, e mais 100\$ do *Zé Ninguém* 2.º. O primeiro *Zé* já me escreveu a dizer que há um 2.º. Quem dera muitos *Zés* deste quilate.

Mais 100\$, mais 20\$ do *zé Ninguém* 1.º. Mais 100\$. Mais 50\$. Mais idem. Mais 20\$. Mais 100\$. Mais metade. Mais o dobro. Mais 500\$ de Aguas Santas. Mais 100\$. Mais 30\$. Mais 300\$. Mais 20\$. Mais 50\$. Mais 20\$. Mais idem. Mais 5\$. Mais idem. Mais 20\$ e idem. Mais 500\$. Mais 25\$. e mais 60\$. Mais 100\$. Mais 50\$ e idem, e o dobro. Mais 6 cami-

### N O D I A D E F I N A D O S

# Pobres de Cristo

## ACTA N.º 6

No dia 11 de Novembro fomos visitar os nossos pobres o de Bairros vai indo menos mal e ouvi dizer que ele dava tudo aos sobrinhos, mas eu não acredito porque o vejo num mísero estado da pobreza. O de S. Lourenço continua entrévado cada vez mais ainda não recebeu a cama e a roupa para ele que anda quasi a morrer de frio se podesses fazer essa esmola de dares a cama completa e a roupa para ele ficaria muito contente em dar-lhe essa esmola. A do Lugar do Assento vai iudo bem mas precisa de comer. Também ainda me disse que não tinha nenhuma roupa para dois filhos que tem junto com ela porque um está numa casa a servir e fica lá e dão-lhe roupa e comer.

Estámos a ter já pouco arroz e é preciso ver se nos mandam ou se socorrem com algum dinheiro para ajudar a comprá-lo.

Espero muito que me deem alguma roupa para o meu querido pobre que tanto amo.

Eu enganei-me na outra acta dizia que davamos 1 L. de feijão mas nós só damos uma caneca porque temos pouco.

O SECRETÁRIO  
José Eduardo.

**P. S.** — *O Zé Eduardo diz que o Pobre de Bairros dá aos sobrinhos mas não é assim, deve ser aos netos. Ele diz não acreditar porque o vê muito pobres. Eu acredito. Os avós têm todos uma doença no coração que ninguém entende. As avós, muito pior.*

## Realidades...

**ENTRO** na cozinha e vejo o cozinheiro chefe, o Carlos, a bailar o pião! Ele tem de pôr o jantar na mesa ao meio-dia certo, agora que temos a escola em plena função, mas tem igualmente de pagar o tributo à sua idade. Este não é dos que mais custa. Se o Carlos não aprender aqui a conhecer-se e a possuir-se, tempo virá em que há-de pagar muito mais caro outros tributos muito mais pesados.

Dentro das rialidades cristãs e no que toca à vida de cada um, não há lugar para pessimismos. Heroísmos, sim.

sas. Mais 50\$. Mais 20\$. Mais 40\$. Mais 50\$. Mais 5\$. Mais dez tostões. Mais 100\$. Mais 500\$. Mais 50\$. e idem. Mais 100\$ e idem, e 25\$, e outro tanto, e o dobro, e 20\$ e 120\$, e 5\$, e 50\$, e o mesmo, e o dobro, e o dobro, e 2\$50, e 100\$. e mil e 50\$ e 20\$. e 5\$, e 20\$ e 50\$ e 20\$ e idem, e 100\$, e mil, e 200\$, e 20\$, e o mesmo, e metade, e outro tanto, e 15\$, e 20\$ e 100\$ e o dobro, e oiro, e 5\$, e 20\$ e 50\$ e mil de Matozinhos.

Alguem de Matozinhos prometeu chamar-me; chame, que eu vou. Mais dois mil. Mais 200\$. Mais 100\$, e 20\$, e 50\$. e idem, e 20\$. e 50\$, e 200\$, e 40 piões com suas faniqeiras e mais uma duzia de gravatas, e mais 50\$ e idem, e outro tanto, e o dobro, e 20\$, e 185\$, e 20\$ e idem, e 12 metros de ganga, e 20\$ e 30\$, e 5\$, e 350\$, e 25\$, e 50\$, e 250\$, e 20\$, e idem, e idem, e uma cama com colchão e 40\$, e 50\$ e outro tanto, e o dobro, e 20\$ e 10\$, e 20\$, e metade, e mil, e 20\$, e 30\$ e idem, e 10\$ e 100\$ e 10\$ e 20\$ e o mesmo e metade, e metade, e 20\$ e o mesmo e 100\$. e 20\$ e acabou de chover. Porto, quem te não há-de amar!

Não há nomes, mas são conhecidos todos quanto se apresentaram. Vieram tôdas as classes. A caridade não forma; une as classes.

# NOTÍCIAS DIVERSAS

**MORREU-NOS** uma vaca, e fomos logo, pressurosos, pôr o nosso gado no seguro, para não ficarmos em nada atrás dos mais;—*depois de roubado...*

O Lisboa veio aqui ao meu quarto de trabalho dar a notícia e no dia seguinte, o Domingos, veio anunciar o nascimento de uma ninhada de leitões!  
Tudo vem aqui bater.

**CHEGARAM** do Porto o *Caixa da Ferramenta*, o *Tira-a-Lingua* e o *Pardal-sem-Rabo*.

Foi por eles o Durães. Muitos outros, da classe daqueles, veem ter à nossa porta em cata de la-reira. Ontem pernoitaram dois irmãos. Não temos mais camas nem colchões. Dormiram no folhado das espigas, dentro da casa da eira. O Carlos de Tábuas, serviu-lhes, antes, uma ceia quente ao pé do lume do fogão. Os ajudantes de cozinha mais os refatoeiros, fizeram cir-culo. Todos eles conhecem aquela vida. Amavam-na. Hoje não.

Manhã seguinte os dois peregrinos, um talvez de 10 e outro de 11 anos, tomaram a saca na mão, tristes.

—Para onde idees?  
—Vamos pedir!  
Eis os verdadeiros cravos desta obra; aquilo que penetra, que faz sangue, que causa dôr!

**CHEGOU-NOS** um pequeno que parece andar na casa dos dez. Ao que apurei, ele tem a Mãe na cadeia, ia comer o rancho às grades e mendigava nas redondezas. Como estamos em maré de piões e há setenta dêles a bailar cá em casa, o Manuel, que assim se chama o novo Gaiato, compreendeu num relance que a vida aqui não é para pênas e começou a jogar. Na tarde desse mesmo dia, foi visto mais os do campo a compartilhar dos seus trabalhos e infinita alegria. Tem uns olhos cheios de expressão. Narra a tragédia da vida sem saber medir, pela idade que tem, a altura da sua desgraça.

*Andava um homem amais nós, mas agora não quer saber.*

Era um grupo de pedintes de feiras. A prisão da mulher afastou o homem e ficou o pequenino prêso ao amor de mãe, que é o derradeiro a quebrar. Ela reparte do seu minguado rancho, nem se lhe dava de abrir as veias, que o amor tem mais força do que a morte. O ferro das grades, não impede que ela se aproxime do fructo da sua fraqueza. Eu não me atrevo a chamar-lhe fructo do seu pecado; que o digam os mais.

*Roubou na feira de Margaride, já está prêsa há mais de um ano.*

**E** o pequenino Manuel vai desfiando contas de amarguras que não sente, enquanto o adormeço num leito de roupa lavada. Soube mais, que o pai da condenada é um proprietário do Minho, que não quiz receber a filha por lhe ter caído uma nodoa. Se o pai soubesse perdoar, tanto bastaria para lavar a primeira nodoa e não teríamos hoje a enlameada. Quere-me parecer que o verdadeiro pecado vem do acto do pai!

**O** Toneco, o Manuel, o Arlindo e outros que, pela sua idade, não teem escola nem jugo, iam com ramos de flores porta fora. *Vamos pô-las no menino.* Eu acompanhei. Era à tardinha. O *Moléstia* associou-se. O *Tiro-llo* pediu para ir. O Augusto, informou de uma janela dos dormitórios—*é o número 25.*

Entramos no cemitério. Quedaram todos, para se orientarem. *E' acoldá,* disse um dêles, que tinha ido ao entêrro. Seguimos por entre campas, em silêncio. Os pequeninos iam cheios de reverência, numa solenidade de morte. Iam munidos de ponteiros de pau, que espetavam na terra amolecida. Levantaram um rua de flores à roda da sepultura. Outros, desenhavam arabescos com pétalas.

*Que lindo está o nosso menino,* diziam. Todos os domingos de tarde, o mesmo grupo de pequeninos vai colher flores onde as houver e semeá-las na *campa do nosso menino*, enquanto às orações da noite, todos os dias, eu oiço a voz do Luciano: *por alma do Delfim!* Oh glórias da montureira!

**N**o claustro da nossa temporária habitação, há um chafariz de rara beleza. Respirava no tempo dos frades. Hoje só tem água quando chove. E' então que as nossas pombas poisam e babam.

Os gaiatos espreitam das janelas dos corredores e chamam uns pelos outros;—*anda ver que lindo!*

Se *prêso* eu, tenho de parar para vêr, que eles não me deixam seguir.

Dêstes factos aqui narrados, cheios de luz e de beleza, qualquer pode inferir das possibilidades espirituais dêste *lixo*.

**E'** muito frequente chegarem a Paço de Sousa grupos de senhoras do Porto, com um menino pela mão, para ficar. Veem de automóvel uns, de comboio outros.

Peço que não façam assim. Nós não temos espaço adequado a mais camas. Também não podemos deitar dois numa cama, como nos pedem, nem que sejam irmãos. Admira-me, até, que me façam êsses pedidos. E mais me admiro, por serem feitos por senhoras da sociedade!

**VEIO** aqui agora mesmo o Tirollro comunicar que o Gari lhe tirou a faniqueira e que lh'a não quer dar. Eu acho o nome simplesmente belo—*aniquelra!*

**FUGIU** o *Sape-Gato*. Fugiu de noite. Com onze anos de idade, atira-se para a escuridão, sem saber caminho nem carreira! Eu admiro o génio do garoto das ruas. Ainda não regressou.

Também fugiram o *Caixa-da-Ferramenta*, o *Pardal* e o *Dantel*. No dia seguinte, à hora do café, entraram os três no refeitório humilhados, arrepiados de frio. Foi uma toirada! A gente deixa-lhes a expansão e mais tarde, faz um sermão-sinho adequado, depois da ceia, com o estômago compostinho, para êles compreenderem.

**O** Periquito sentou-se à minha direita, naquele dia, para receber o prêmio da nobre acção que praticara. A primeira refeição, a do meio dia, os rapazes seguraram-se. Eu disse que o lugar do prêmio é tão solene como o do castigo, e que esperava de todos o máximo respeito pelo Periquito. Porém, à refeição da noite, não foi possível; êles estavam mesmo a estoirar. Um dêles levanta a voz. Deu-se a explosão. Quebraram-me cinco colheres e o nome do Periquito, saído do peito de 70 garotos, andou suspenso nas abóbadas do antigo convento, em irreverente salmodiar!

Cinco colheres custou a festa. Quanto mais não valeu a alegria dêles,—e a minha!

**T**U tens dois piões?  
—Não senhor; tenho só êste.  
E aquê?  
—Ah! Este é para levar as nicas.

**O** que abusou da confiança de ser dos serviços internos, tem cumprido o castigo com generosidade, e continua a cumprir. Já lhe foi suspensa uma das pênas; a que mais lhe doía e a mim também. Pode jogar o pião. As outras, ficaram em expiação.  
Não há prisões como as sem grades.

# Venda do Jornal

Se mais tivessem levado, mais teriam vendido. Pouco depois do meio dia, estavam esgotados os 900 *Gaiatos*, e os Tripeiros, daquela hora às 18, pediam *Gaiatos* aos nossos *Gaiatos*. Na próxima venda irá o dôbro. Além do jornal-sinho venderam:—o Gair, 2 livros e trouxe uma assinatura paga e 44\$70 a mais. Comeu na rua da Boavista, em casa de um senhor que o apanhou na Baixa. *Ele quer que eu vá lá sempre*, disse. Pois vai sim senhor. O Júlio vendeu 3 livros e tomou assinaturas e comeu em casa do *senhor das botas*. E' assim que êles falam de um cavalheiro que ofereceu ao rapaz um par de botas. Trouxe 119\$40 a mais. O Amadeu foi comer à rua Fernandes Tomás, mais o Luciano; *aquilo é que a gente come coisas boas*, disseram. Uma vez por outra, não lhes faz mal nenhum. Eu quando ando por lá, também me regalo de comer coisas boas, em casa de quem as tem. A última vez, foi em Alcobça—tudo distinto. O Luciano vendeu três livros, angariou 3 assinantes e entregou uma caixinha com objectos de oiro. O Pôrto confia oiro ao ex-vadio dos caminhos! O Oscar vendeu dois livros, comeu na rua do Rosário e trouxe 67\$00 de acréscimos. O Rio-Tinto vendeu 3 livros, trouxe duas assinaturas e 47\$00 a mais. Também comeu na rua do Rosário. Traz convite para ir comer à rua da Alegria, êle mais o Luciano, na próxima venda. O Augusto comeu no Batalha. Vendeu 3 livros. Trouxe 70\$50 a mais. O João foi comer à rua da Constituição, a casa de um senhor que lhe quer dar coelhos. Os nossos carpinteiritos estão justamente a terminar a coelheira. O Oscar tem ainda um III vol. para entregar, a alguém que já o pagou. Vai na próxima venda.

Os vendedores esqueceram-se de levar senhas de sopa da Legião. Foi mal feito. Espero que tal não volte a dar-se.

No fim da venda, entraram todos em uma leitaria e um senhor que êles dizem chamar-se Salgado, pagou tudo à malta. Obrigado. Alguns compraram peras. Outros trazem convites para o dia de Natal. Nêsse dia, não. Primeiro eu.

Um viva aos Cafés do Pôrto, por consentirem que os *Gaiatos* entrem a vender.

## O'leo de fígado de bacalhau

O «*Bissaya Barreto*» o «*Comandante Tenreiro*» e outros assim nomeados, chegaram da Terra Nova.

*E' a ocasião de pedir que nos ofereçam alguns cântaros daquele precioso remédio para as medonhas pústulas de alguns dos 130 rapazes que abrigamos nas casas de Miranda e de Paço-de-Sousa. Eles trazem-nos tôda a casta de males, desde o ventre de suas mães.*

*Senhor Doutor Magano; uma palavrinha para lhavo e o óleo para cá.*

*Alguns dêles, a princípio, fazem uma cara muito feia, mas depois gostam.*

António  
Pinto de  
Jorge M.  
de Carv.  
Cavalca  
reles, d  
Andrade  
P.º José  
Mourisca  
de Cort  
Almeida  
Jorge M.  
Maria A.  
Areosa  
Bettenco  
A. Olive  
Rocha P.  
Diogo P.  
50\$00; A.  
20\$00; A.  
de Sang  
Almeida  
P.º Abe  
Dr. Luci  
Rosa de  
Jornal  
Madaleni  
António  
Pôrto p  
Estêvão  
Capitalin  
50\$00; F  
salmente  
V. N. d  
Avides M  
da Silva  
de Almei  
mes 20\$00  
terra 20\$  
também  
gues Gor  
dre Mill  
Barranco  
António  
Santas 2  
de S. J  
Sobreiro  
Dória, d  
Barroca,  
da Secçã  
Abílio d  
40\$00; S  
Casaldec  
mesma t  
Malaquia  
Gonçalve  
Correia  
de Botell  
e pagari  
Cardoso,  
Emília d  
40\$00; Ia  
25\$00. J  
Coimbra  
Vieira (C  
P.º Antó  
Tenente  
Paço de  
Rivera M  
50\$00, M  
veaon de  
da Silva  
de Torre  
dos Sant  
de Carv  
Martins  
Bento F  
Abitar d  
30\$00. Jo  
20\$00 po  
xeira de  
Amândio  
nio Joaq  
Amélia A

# ASSINATURAS PAGAS

António Fragoso, de Gaia 30\$00; Alfredo Pinto dos Santos, do Pôrto 20\$00; P.º Jorge Martins, de Unhão 40\$00; P.º Adão de Carvalho, do Pôrto 40\$00; Armando Cavalcanti, do Pôrto 20\$00; Irmãs Meireles, de Lisboa 20\$00; Maria Raquel Andrade de Leitão, de Peniche 20\$00; P.º José Elísio M. Mendes, da Mata Mourisca 30\$00; P.º António Carvalhais, de Corticeira 20\$00; José Moreira de Almeida e Silva, da Praia da Granja 20\$00; Jorge Manuel Nogueira, de Lisboa 20\$00; Maria Aurora Celestina da Silva, de Areosa 30\$00; Olívia Soares Avelar Bettencourt, da Horta 20\$00; P.º Alvaro A. Oliveira, de Sandim 25\$00; Cândido Rocha Ferrand de Almeida, 30\$00; Eng.º Diogo Pacheco de Amorim, de Vizeu 50\$00; Abel Ribeiro da Silva, de Baltar 20\$00; Albérico Rodrigues de Almeida, de Sangalhos 20\$00; P.º Manuel de Almeida Trindade, de Coimbra 50\$00; P.º Abel Condasso, de Anadia 100\$00; Dr. Luciano Correia, de Anadia 100\$00; Rosa de Jesus Cascais, da Murtosa, de jornais para propagação 4\$00; Maria Madalena Folgado, do Pôrto 20\$00; António Augusto Moreira de Barros, do Pôrto por um trimestre 10\$00; José Estêvão de Almeida, de Lisboa 50\$00; Camilina Moreira Couto, de Lisboa 50\$00; Félix Moura, de Braga paga mensalmente 5\$00; Barão de Alvaizere, de V. N. de Ourém 50\$00; Dr. Manuel Avides Moreira, do Pôrto 25\$00; Judira da Silva Paiva de César 50\$00; Norberto de Almeida Santos, de Macieira de Sarmes 20\$00; Menino João Angelo da mesma terra 20\$00; Lourenço dos Santos Pereira também da mesma 20\$00; João Rodrigues Gomes, do Pôrto 20\$00; P.º Alexandre Milheiro, de Lousada 20\$00; Aida Barrancos Vieira, do Redondo 100\$00; António Ferreira dos Santos, de Águas Santas 20\$00; Augusto da Silva Sousa, de S. João da Madeira 20\$00; José Sobreiro, de Tôrres Vedras 24\$00; Luís Dória, de Lisboa 20\$00; Raul Torcato Barroca, do Pôrto 30\$00; Empregados da Secção de Registos de Lisboa 30\$00; Abílio de Matos Salvador, de Lisboa 40\$00; Serafim Gomes dos Reis, de Casal delo 20\$00; Rosa Rodrigues da mesma terra 20\$00; António do Vêtu Malaquias, de Ilhavo 20\$00; P.º António Gonçalves Pereira, do Eixo 50\$00; Artur Correia de Figueiredo e Simão Novais de Botelho são do Seminário de Lamego e pagaram 20\$00; Joaquim Rodrigues Cardoso, de Massão-Frio 30\$00; Maria Emília de Faria e Almeida do Olival 40\$00; Isaura Migueis, de Cantanhede 25\$00; José de Almeida Coragem de Coimbra 40\$00; Maria Carolina Jardim Vieira Campos de Bencanta 25\$00; P.º António Brandão do Pôrto 100\$00; Tenente Aviador Fernando Rezende de Paço de Arcos 50\$00; José Fernando Rivera Martins de Carvalho do Estoril 50\$00; Maria da Conceição Rivera Duqueon de Lisboa 50\$00; António Quintas da Silva de Favões 25\$00; José da Costa de Tôrres Vedras 25\$00; Manuel Maria dos Santos de Macieira—Liz 20\$00; Rosa de Carvalho de Lisboa 20\$00; Miguel Martins de Carcavelos 100\$00; Reinaldo Bento Ferreira de Massão-Frio 30\$00; Abitador Augusto da Costa de Lisboa 30\$00; Joaquim Martins Maia da Anadia 20\$00 por 10 números; P.º Nunes Teixeira de Albergaria-a-Velha 30\$00; P.º Amândio Rios de Braga 25\$00; P.º António Joaquim Alves Braga 25\$00; Maria Amélia Avides Moreira do Pôrto 25\$00.

# DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Voltei à Capital; grande nau, grandes tormentos. Enquanto espero na Invicta a hora da partida, recebi uma data de esmolas nas ruas, de senhores que nunca vi, nem conheço, nem pergunto quem eles são. Baste-lhes a alegria de dar. Um amigo deu-me a senha do lugar no *Rápido* e do jantar. Fui à 1.ª série. Dos fracos não reza a história. Em Lisboa, aviei-me depressa; levava poucos recados. Um outro amigo do Pôrto, quis que eu almoçasse mais êle nos Irmãos Unidos. Nada mais fácil. Subi ao Chiado visitar um outro, de Lourenço Marques o qual amigo me aqueceu as algibeiras. No cofre do Hotel, estava um envelope lacrado, assim me informou o Alexandre de Almeida Júnior. Oiro. Alguém aproveitou o alvitre que se deu aqui à carta de quem deseja oferecer um *luxo ao seu Jesus*, e andou à frente. Não há nome, mas eu sei de quem se trata. Sim; tomei conta e cumprirei. Conheci o Seu marido. Era do tempo do Marino da Fonseca, que me fez comer lume, no Chinde e em Lourenço Marques. Os senhores da Alfândega, naquele tempo, eram umas feras pra gente! Olhe; quando fôr da inauguração da nossa *Aldeia*, ha-de vir a Paço-de-Sousa. Não a dispense.

E já agora que se fala em oiro e no cofre do Alexandre de Almeida, podes entregar lá sem medo. Eu já vi; é um cofre de sete chaves.

Quando, ha dez anos, comecei a pedir dinheiro e coisas para os Pobres, passaram para as minhas mãos e delas para as d'Elles, tudo quanto ocupava as gavetas e os armários e as arcas dos meus ouvintes. Coisas mortas, fora dos tempos e do estilo, eram vivificadas pelo amor de dar.

Pois bem. Agora, tem a palavra o oiro velho. Tão forte é este amor, que vai cortar no teu peito o fio que te prendia às jóias:— *era do meu marido; era da minha mulher*. E aquele verbo ser no passado imperfeito, troca o tempo e a qualidade, por um presente absoluto;— *tome, é para o meu Senhor*.

De regresso de Lisboa, vim pela linha de Oeste e descí em Alcobça. Estava um sol como os ingleses nunca viram na terra dêles. Ha bens que só se apreciam quando se perdem.

Andei na vila. Comi pasteis de feijão em casa amiga. Vi séculos de grandeza monástica no Mosteiro. Recebi muitas esmolas, de muito boa vontade, onde não faltou oiro: brincos, botões, fios, anéis, moedas portuguesas e estrangeiras. Trouxe linho precioso. Trouxe um amerenda para comer na viagem, e trouxe muitas saudades. Na estação de Coimbra, estava o meu companheiro, a quem dei metade das esmolas que trazia. Não entrei na cidade, com medo do *cão do azeite*, em casa dos Martas. Só lá hei-de ir quando tiver metralha.

Mais da Socony-Vacuum Oil do Pôrto 500\$00. Espero ouvir a voz dos congêneres colossos. Mais de Ribeira de Pena uma encomenda postal e mais outra e mais outra não sei de onde— tudo roupas.

Mais na loja do Ramiro. São 20\$00 entregues ao Júlio e na Liga de Profilaxia idem e no escritório do Senhor Carlos Cunha idem. Fica-se sabendo que o Júlio recebe e dá contas.

Mais de um visitante 50\$00 e oiro e de outros 570\$00. Visitem a a nossa *Aldeia!* Mais 70\$00 para os nossos *Pobres de Cristo*. Mais um saco de figos de Tôrres Novas. Mais roupas de Montemor-o-Novo. Mais um saco de castanhas do Pôrto, 90 quilos. Que rico! E mais nada.

P. S.—A Shell já apitou; 500\$00. Falta ouvir a fala dos outros colossos, que eu desejaria fôsse colossal.



Os dois homens que dão de comer à tropa e um ajudante. São êles da esquerda, o Amadeu de Alvar, o Constantino de Coimbra e o Carlos de Tabua—

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DE uma vez, entreguei nas mãos do arquiteto Teixeira Lopes um pensamento gizado em papel almaço, onde se continha o aglomerado de Casas da Aldeia dos Rapazes, tais quais estão actualmente a nascer da terra, com a forma e linhas do Artista. Foi já um toque providencial, o haver escolhido aquele entre tantos.

—Ai! Tem graça. Desde que vi a fita *Homens de Amanhã*, disse, sempre desejei trabalhar em uma obra assim.

Começaram a subir 3 casas de um lanço. Mêses depois começa a quarta. A seguir é a vez do monumental depósito das águas de abastecimento.

Uma comissão de técnicos dos Monumentos, vem observar o que está feito e informa oficialmente:— *é uma obra de consciencia.*

Sobe a capela. Sobe a enfermaria.

Dentro do meu peito, forma-se e cresce um não sei quê misterioso que resiste à duvida dos recursos, à incerteza da hora, ao fiasco de não achar graça deante dos homens.

E' uma esperança contra tôda a esperança, fruto de uma adoração perene. E' o argumento seguro das coisas que se não veem nem se compreendem, para darmos a definição que o Apostolo deu à fé, a unica que lima tôdas as arestas e faz deslocar os montes, ainda que seja do tamanho de um grão de mostarda.

Agora, temos o edificio das oficinas. Este consta de dois pisos, sendo o primeiro de 3 salas de 13.<sup>m</sup> por 6.<sup>m</sup> para as artes pesadas e o segundo, de 4 divisões para as artes ligeiras, com os aposentos dos mestres.

Amigos generosos da obra, têm-me indicado alguns nomes da cidade do Pôrto, aonde bater e pedir. Eu aceito e agradeço o alvitre, mas nem por isso gosto de correr atrás de canas de foguetes. São ôcas. Antes quero esperar a hora de Deus. E assim é que,

na manhã do dia de Finados, eu passava à porta de um dos indigitados senhores. Estava o carro, sinal de que estava ele. Não entrei. Fazia sol. As ruas regorgitavam de romeiros aos cemitérios, comovelos de flores. Quantos destes não hão-de morrer de espanto na eternidade, por não encontrarem os seus, que a morte separou!

Andei na Invicta todo o dia, a fazer horas para o recado na Rádio Renascença. Noite dentro, depois de ter falado, alguém convida para eu ir à sua casa. Fui. Era dentro de um jardim, uma casa modesta.

Falamos. Não tenho na mão a promessa definitiva.

Mas, quere-me parecer, que as oficinas da Casa do Gaiato estão naquela casa.

## Das coisas que vão ter a Coimbra

Há muitos amigos da obra que continuam a mandar para Coimbra as coisas da sua devoção e bem é que assim façam, para não termos de fechar a casa de Miranda, por falta de recursos.

Um senhor do Estoril manda mil esoudos, da Covilhã 500\$, não sei de onde, uma libra esterlina e mais objectos do olro, mais 20\$ do anó-

nimo B., mais 100\$. de Seia, mais 5\$ de Coimbra e mais 30\$ idem e mais 20\$ idem. Mais de Miranda do Côrvo 500\$ de quem forneceu as madeiras para a nossa Capela. Mais dos Bujos 10 litros de azeite e lenha do forno para todo o inverno. Obrigado João Terezo. Estamos à espera do Silvestre que tem fama de ter muito dinheiro.

E mais nada.

## Pão dos Pobres

É um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Uende-se nas Librarias do País.

# Cartas de Lisboa

« Para que o ardina seja HO-MEM DE BEM, é preciso a generosidade de muitos, e o heroísmo e humildade de alguns, a pedirem para a « Casa » dêle » ...

## A Casa do Ardina

Bem-hajas, «Gaiato» amigo, por tudo, tudo!... E já agora, permite as confidências dolorosas de quem quer fazer *tudo* pela «Obra do Ardina» e luta com as maiores dificuldades...

Precisamos de mais dinheiro, porque queremos abrir mais oficinas, mais «Casas do Ardina»!!...

E... teem-nos dado muito pouco, para realidades tão grandes, como as que tomamos sobre os ombros...

E' que a «Obra do Ardina», por ser do ardina e não nossa, merece a generosidade e dedicação de *muitos*, senão de... *todos*!...

E para que abranja todo o problema social, são precisas mais oficinas, mais... «Casas do Ardina»!...

Quem no-las dará?  
E, sobretudo, quem nos ajudará a pedi-las?...

Com heroísmo, com humildade...

Só o Senhor sabe quantas lições de heroísmo e de humildade nos teem dado os que nos ajudam na «Casa do Ardina»!!...

Lições constantes, permanentes... Um dia não tínhamos dinheiro algum, nem para a... renda de casa!...

Deixamos recado a uma das Noelistas que trabalham connôco: «Se vierem amanhã receber a renda, pede o favor de virem daqui a dois dias»...

No dia seguinte, ao chegarmos á «Casa do Ardina», entregam-nos 100\$00 para guardarmos...

Bom. Uma esmola de 100\$00, pensamos, esperemos o «resto»...

«Isso é o trôco da renda da casa», atalha a nossa companheira de luta. «É que vieram cá trazer 500\$00 esta manhã, sem dizerem de quem era»...

Outras vezes são pessoas altamente colocadas que se revelam a nós, para nos estimularem no nosso modesto trabalho, mas... pedem segredo para o público.

A darem-nos consolações, sobre consolações, lições, sobre lições!...

E nós sentimo-nos tão pequeninas, tão pouco á altura da missão, ainda...

E aqui vai o resumo das muitas generosidades de Outubro...

(Muitas em intensidade, poucas em número, ainda para o que é preciso!)

Dia 1 — De um rapaz de Vizeu — 5\$00.

Dia 2 — De uma senhora do Fundão 10\$00.

Dia 3 — Nada!... E a «renda da casa» á porta outra vez...

Dia 4 — De uma quète a bordo do «Serpa Pinto»: 900\$00!! Regosijámos com a ideia e a... entrega a tempo e... horas.

Dia 5 — Do mesmo rapaz de Vizeu: 10 livros estrangeiros para vender...

Dia 6 — De uma rapariga de Estoril, que andou pelas terras a pedir com uma das nossas cadernetas nas mãos: 180\$00.

Dia 7 — Nada outra vez...

Dia 8 — Visitantes de Tolosa, deixaram-nos nas mãos: 15\$00.

Dia 9 — Trouxeram-nos do Algarve um dôce, e uma Noe-

lista de S. Sebastião: 100\$00.

Dia 10—Outra Noelista de S. Sebastião: um casaco para um dos nossos rapazes.

Dia 11—De Santo Tirso mandaram-nos 150\$00.

Dia 12—Da Alhandra enviaram-nos 1 saca de sal. O Fernando resolveu vir festejar os seus 7 anos com os ardinias, trazendo-lhes, bolachas, massa e e latas de conserva. Não há mais pequeninos ricos que queiram vir dar assim da sua riqueza e do seu carinho aos ardinias? Cá os esperamos, com os nossos parabens antecipados!... Do mesmo rapaz de Vizeu-úm desenho.

Dia 13—De uma criada de servir 3\$00.

Dia 14-15 e 16 — Três dias de «silêncio»...

Dia 17—De uma senhora da Madeira: umas calças, uma camisa e uma camisola. E nós que tanto precisamos destes presentes para o Natal dos ardinias. Queremos vestir e agasalhar uns 200, pelo menos!... Mandem mais, muito mais, e cobertores, colchões, lençois, para que a Festa do Natal do Ardina seja linda. Mais — das ilhas, e, sobretudo, do... continente!...

Dia 18—Um médico amigo enviou-nos um espaldar de ginástica, que nos foi muito útil não só para a ginástica, como para a... disciplina da «Casa». Aproveitem o recreio a pendurarem-se como pardalinhos, em lugar de estar constantemente aos saltos e... correrias...

Dia 19 e 20 — Houve paragem nos corações, com certeza. — Nada recebemos...

Dia 21—De uma Noelista da Incarnação, uma capa de borraça para um ardina, e mata-borrão para a casa.

Dia 22—De alguém amigo, confiadinho num eléctrico ao António Marques — 50\$00.

Dia 23—De um Padre Franciscano 2\$50.

Dia 24—Outro dia vazio!...

Dia 25—Pelo correio, anónimo — letra que já conhecemos de outras vezes: 50\$00!

Dia 26—Do Grémio da Imprensa Diária — 100\$00.

Dia 27—O Sindicato dos Vendedores de Jornais não lhe quiz ficar atrás: 50\$00.

Dia 28—Da Ordem 3.ª de S. Francisco a Jesus — 200\$00, um livro e umas palavrinhas... franciscano — ardinias! Obrigada.

Dia 29—Outro compasso de... espera.

Dia 30—De uma Noelista de S. Sebastião — 50\$00.

Dia 31—Acabou o mês em silêncio, e nós a pedirmos mais, cada vez mais!...

E aqui te lançamos o apêlo.

Gente de Portugal e Ilhas, gente das nossas Colónias:

«O Ardina está á tua conta»!!... E não á minha...

MARIA LUÍSA

Atrazada na Redacção.

«Porque não hão-de dar exemplo ao mundo os ardinias?»...

Há nêles tão grandes qualidades, graças a Deus! E' só... *quererem ser bons e afastarem-se do mal.*

Há dias estávamos numa aula. Falou-se de «azares» e «sortes», credices e superstições... (E há tanto quem as tenba...)

O Porfírio saca dum amuleto da sua bolsa do dinheiro e mostra-o dizendo:

«Eu não o dava por uma fortuna; Ando com isto há meses na mala e tem-me dado muita sorte!»...

—«E' contigo, está claro, mas... devias deitá-lo fora»... dissemos-lhe.

A aula continua. Nisto o Porfírio levanta-se muito sério: — «A senhora tem razão e o melhor é ir já pela janela fora»... E... foi, está claro.

Aquêlo amuleto que nem por uma fortuna se dava, deitou-se fora... por amor á verdade e horror á mentira!...

Bem-hajas, Porfírio, pela lição que deste aos outros ardinias, ao mundo!

De outra vez fomos dar com uma luta entre o António — o criadito e enfermeiro e o Cândido, um ardina de fora.

—«Que é lá isso?»  
—«Não é a mal, é a bem»... Explica-nos o Cândido. E' que eu queria dar ao António \$50 em paga dum penso que êle me fez a um pé e êle não aceita».

Lição de justiça, e de... generosidade!...

Seguiu-se o elogio do António como enfermeiro, feito pelo Cândido: «que jeitão!... Parece um enfermeiro a valer!...».

Lição de caridade, gosto de encontrar qualidades e virtudes num irmão, num amigo!... De outra vez estávamos no escritório, passa um ardina de fora — o José Gomes de Oliveira. Vinha da consulta médica.

Cumprimenta-nos. E oferecendo-nos uma cautela, pergunta-nos o que é costume de quem vende a lotaria: «Quere a sorte grande do Natal?..».

Respondemos-lhe a rir: «A sorte grande? Queremos! E era bem bom que ela cá viesse parar á «Casa do Ardina», mas queremos a sorte grande sem comprar cautela, o que ainda é mais difícil!»...

Um gesto cavalheiresco: «Oh minha senhora, se me dá licença, eu ofereço uma cautela á «Casa» e... Deus queira tenba a Taluda!...».

Deus queira! Ficou a soar nos nossos ouvidos... enquanto ecoava na nossa alma o gesto lindo do ardina-cauteleiro que soube dar tanto á «Casa do Ardina».

E assim por diante...

Numa quinta-feira destas fomos á Baixa e quizemos regressar a casa á hora a que tôda a gente regressa...

Um horror. A cada eléctrico da Estrêla que surgia no Rossio, um grupo de homens e mulheres «valentes», disputavam o carro, enchiam-no á força e não nos deixavam espaço

nem para nos — pendurarmos (sem licença da policia).

Nisto aproximam-se dois ardinias conhecidos, daquêles que andam a ver se merecem vir para a «Casa do Ardina», daquêles que já podiam cá estar, se tivéssemos outras... «Casas do Ardina»!...

—«Quere um carro para a Estrêla? A gente arranja-lhe lugar»...

E lá se metem, como piôlho por costura, no meio do turbilhão da indeclicadeza humana!

Um, senta-se a guardar um lugar. Outro, põe-se na entrada do eléctrico, a chamar-nos: «Venha por aqui, minha senhora!... Já tem lugar guardado»...

—«Oh rapaz, entra ou sai, que estás a atrapalhar-nos»... — diz um dos que entram á nossa frente, apressados.

Mas o ardina não desiste. E mal nos ajuda a entrar, grita para o outro, vitorioso: «Já cá está a senhora, guarda bem o lugar»...

Sentamo-nos. Desfizemo-nos em agradecimentos, que êles bem mereciam... Lição de delicadeza!... (Que a tome quem quizer...)

E ainda não nos calamos...

O José Nunes comprou uns atacadores de botas a um rapaz. Soube mais tarde que haviam sido roubados. Vem ter connôco: — «O que devo fazer?»...

—«Entregar na policia», foi a nossa resposta.

—«Tenho medo»... Troçamos dêle, e mandamos o António, que foi logo... Lição de honestidade. Lição de confiança e lialdade com a policia!...

O guarda a quem o António entregou o objecto comprado não entendeu assim.

Zangou-se com o António, com a... «Casa do Ardina»!...

Rabujou e julgou-se «esperto»: — «Com que então andam a comprar coisas roubadas?!... Parece impossível! Teem que vir responder, tu e o outro»...

O José Nunes e o António veem ter connôco escandalizados e com razão. Eles haviam dado uma lição de honestidade de confiança, de lialdade e em paga haviam sido ofendidos...

Ensinamo-los a aceitar, de cara alegre.

Pedimos justiça a quem de direito e os nossos dois não tiveram que ir responder, está claro.

Mas estamos ainda muito sós em campo a defender o ardina. Quem nos ajuda?!...

Quem nos ajuda a conseguir que o ardina em lugar de vadio, cheio de vícios e maldade, seja...

Um exemplo no mundo?...

Quando todos os actos do ardina fôrem a proclamar a verdade, a praticar o bem, estaremos contentes, contentes...

MARIA LUÍSA

P. S. — Em nome dos ardinias, da «Casa do Ardina», agradecemos as referências cheias de Caridade e Generosidade que foram feitas nestas páginas. Nem o ardina, nem nós merecemos... tanto! Que o Senhor pague as nossas dívidas de gratidão...

### AVISO

Leio nos jornais que está em ensaio a opereta CASA DO GAIATO. Vai com o meu protesto. E' contra a minha vontade.

REDACÇÃO

Casa

P A C

Um

Um